

Desemprego capital

Ao alcançar a cifra dos 151 mil e 300 desempregados, divulgada ontem pela Codeplan, Brasília se presta a diversas interpretações negativas: é a capital do desemprego e o desemprego é o problema nº 1 da capital. Não se trata de um mero jogo de palavras, mas de uma dura realidade que vem apresentando tendência crescente nos últimos meses. A cada estatística, o número de desempregados tem crescido, sem que haja esperança de redução ou, pelo menos, de estabilização desse contingente. E as medidas de desenvolvimento econômico implantadas nos últimos tempos, pelo jeito, não estão alcançando os objetivos pretendidos, tanto em nível do Governo do Distrito Federal quanto no da União.

Há vários aspectos que podem ser abordados nesse problema do desemprego na capital da República, mas pelo menos dois deles merecem exame mais atento. O primeiro diz respeito à incapacidade do poder público de oferecer empregos no nível necessário. A reativação das obras do metrô, por exemplo, ofereceu novas oportunidades de emprego, mas é evidente que não havia - e nem haverá - vagas para todos os milhares de modestos candangos que fizeram filas nos postos de recrutamento de mão-de-obra. Nem o GDF e nem o próprio Governo Federal dispõem de grandes coelhos para tirar de suas cartolas. A época das grandes obras em Brasília já passou. Todo

mundo sabe disso, inclusive os milhares de migrantes que chegam todos os anos à nova capital.

E aí surge o segundo problema: a migração além da conta. Embora cientes de que o Distrito Federal desde há muito tempo deixou de ser o eldorado canteiro de obras com milhares de empregos, os migrantes continuam a chegar ao DF, en grossando o volume dos desempregados, porque estão de olho em outras atrações que lhes são acenadas de longe, como a possibilidade de ter um lote e uma casa própria, uma boa rede de ensino público com vantagens educacionais (bolsa-escola) e outros benefícios, reais ou imaginários. Com o passar do tempo, nem recebem lotes, porque não têm direito, e nem conseguem emprego, gerando, entretanto, novas demandas de serviços públicos e sociais - como transportes, hospitais, escolas e outros.

Por último, uma constatação antiga, elementar mas freqüentemente esquecida: é a iniciativa privada, principalmente as pequenas e médias empresas, que têm a maior capacidade de gerar empregos. Mas, para isso, precisam de uma política segura e acertada, a fim de serem desobrigadas de burocracia e de tributos que impeçam seu crescimento. Que essa verdade seja devidamente levada em conta quando se torna imperativo combater o desemprego crescente que toma conta da capital da República neste ano de 96.